

ALAMEDA GLETTE, 463, SEDE DO CURSO DE QUÍMICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO NO PERÍODO 1939-1965

Viktoria Klara Lakatos Osorio

Instituto de Química, Universidade de São Paulo, CP 26077, 05513-970 São Paulo – SP, Brasil

Recebido em 10/12/08; aceite em 13/4/09; publicado na web em 10/8/09

463 GLETTE STREET, HEADQUARTERS OF THE SCHOOL OF CHEMISTRY OF THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO FROM 1939 TO 1965. As the foundation of the University of São Paulo completes 75 years, this article describes the history of a mansion at 463 Glette Boulevard, in São Paulo city, where several undergraduate courses of the University's Philosophy, Sciences and Letters Faculty operated until 1969. The first building of the school of Chemistry was erected there, 70 years ago. A brief retrospective of the Department of Chemistry at that place is given. The mansion was torn down by the middle of the 1970s, but it remained as a symbol of the school identity in the memory of all those who studied there.

Keywords: history of chemistry in Brazil; University of São Paulo; FFCL-USP.

INTRODUÇÃO

A história da origem das universidades no Brasil é bastante complexa.¹ Durante todo o período colonial, o Império e o início da República, foi priorizado no país o ensino profissionalizante. A fundação de universidades, não mais apenas escolas superiores isoladas, só se efetivou no século XX, o que confere ao Brasil a posição peculiar de ser o último país das Américas a implantar o sistema universitário.^{1,2}

Foram, porém, numerosas as tentativas para a criação da primeira universidade brasileira e iniciativas e recuos se alternaram por mais de três séculos.^{2,3} Finalmente, em 7 de setembro de 1920, o governo federal da República Velha criou a Universidade do Rio de Janeiro (URJ), que se tornaria Universidade do Brasil (UB) em 1937 e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1965. Foram reunidas, sob uma reitoria, três grandes escolas superiores existentes na Capital da República, a saber, a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica e a Faculdade de Direito. Entretanto, as três instituições continuaram a funcionar de maneira isolada sem nenhuma articulação entre si.^{3,5} Esse mesmo modelo foi seguido pela Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais), criada em 1927, por iniciativa do governo do estado.⁴

A década de 1920 e o início da de 1930 se caracterizam por intensa mobilização da intelectualidade nacional propondo reformular a educação no país. Dentre os documentos então gerados, destacam-se dois amplos inquéritos, um promovido pelo jornal *O Estado de São Paulo* em 1926 e outro pela Associação Brasileira de Educação (ABE), no Rio de Janeiro, relatado em 1928.^{3,7} Na redação do jornal paulista costumava reunir-se, com a participação de Júlio de Mesquita Filho, diretor desde 1927, um grupo de jornalistas, políticos e intelectuais, o grupo do *Estado*, que aspirava por uma universidade paulista.^{7,8}

Com a criação do Ministério de Educação e Saúde Pública, em 1930, seu primeiro ocupante, Francisco Luiz da Silva Campos, elaborou decretos, organizando o ensino secundário, superior e comercial, que ficaram conhecidos como Reforma Francisco Campos de 1931. Um dos decretos instituiu o Estatuto das Universidades Brasileiras.^{3,4,9} O estatuto previa a possibilidade (e não a obrigatoriedade) de incluir entre as escolas que iriam compor a universidade uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras, instituição meio híbrida, um órgão de alta cultura, mas visando eminentemente a formação de professores

para o ensino normal e secundário. A criação dessa Faculdade se apresentou como a idéia mais inovadora contida no estatuto,³ embora o seu caráter pragmático levantasse críticas.⁴

Em 1932, foi lançado o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, assinado por 26 educadores e escritores brasileiros, explicitando as suas idéias de renovação educacional no Brasil, que incluíam a criação de verdadeiras universidades.^{3,4,10} Esse documento teve grande repercussão na educação brasileira e influenciou na concepção de duas universidades, a Universidade de São Paulo (USP), discutida a seguir, e a Universidade do Distrito Federal (UDF), criada por Anísio Teixeira em 1935.^{4,11}

A primeira comissão oficial para estudar as bases de uma universidade paulista foi nomeada em 1931 no governo do interventor federal Laudo Ferreira de Camargo, sendo Antonio de Almeida Prado o secretário da Educação e Saúde Pública, mas a eclosão da revolução constitucionalista em julho de 1932 interrompeu os trabalhos.^{7,12,13}

Em fins de 1933, estando na chefia do governo Armando de Salles Oliveira e na pasta da Educação Cristiano Altenfelder Silva, a comissão foi reorganizada, mantendo três dos antigos membros – Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo e Raul Briquet – e acrescida de mais sete, com a incumbência de elaborar projeto, que originou o decreto de fundação da USP.^{7,12-14} O decreto, assinado pelo interventor Salles Oliveira no aniversário da fundação da cidade de São Paulo, 25 de janeiro de 1934, reuniu as seguintes escolas de ensino superior já existentes: a mais antiga, a Faculdade de Direito (estabelecida por lei de 11/08/1827, no reinado de Dom Pedro I), passando então da órbita federal para a estadual, a Escola Politécnica (a primeira escola superior do estado, inaugurada em 15/02/1894), a Escola Superior de Agricultura (inaugurada em 03/06/1901), a Faculdade de Medicina (fundada em 19/12/1912) e a mais nova, o Instituto de Educação (criado em 21/02/1933). A elas foram acrescidas duas faculdades remodeladas, a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Escola de Medicina Veterinária, e uma nova, fundamental, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). A USP ficou, logo no seu início, com oito centros de estudos superiores e mais dois ainda por instalar: a Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais e a Escola de Belas-Artes.¹⁵ O diferencial foi a criação da FFCL, com o objetivo de ser o núcleo integrador da instituição, local de formação de elite intelectual e de geração de ciência.^{3,4,9,13,16,17} Sem dispor de espaço físico e devendo iniciar as atividades ainda em 1934, a Faculdade se instalou em locais provisórios. Quando teve de sair, foi adquirido um

*e-mail: vklosori@iq.usp.br

palacete na Alameda Glette, a primeira sede própria da FFCL-USP, em cujo terreno se construiu também um edifício para o curso de Química.^{13,16,18} Este trabalho visa resgatar uma parte da memória desse local, quando se completam 75 anos da fundação da USP, 70 anos da mudança do curso de Química para o seu primeiro prédio próprio e 40 anos da desativação do *campus* na Alameda Glette.

A FFCL-USP E O CAMPUS GLETTE

Como o nome indica, a Faculdade se compunha de três *seções*: Filosofia, Ciências e Letras, sendo a de Ciências dividida em seis *subseções*: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Geografia e História e Ciências Sociais e Políticas.^{13,15} O decreto estadual conferiu existência administrativa à Faculdade, porém não existia prédio próprio, nem corpo docente, nem regulamento interno, nem programa de ensino.¹⁹ O seu primeiro diretor, que ficou seis meses no cargo, Theodoro Augusto Ramos, professor de Matemática da Escola Politécnica e um dos fundadores da Universidade, foi incumbido pelo governo do estado de selecionar professores estrangeiros na Itália, França e Alemanha. Com o contrato de renomados professores e cientistas europeus, além de alguns brasileiros de alto nível, foi possível iniciar obra realmente inovadora.^{7,13,17,20,21}

A Faculdade se instalou em 1934, em locais provisórios, na gestão do seu segundo diretor, Antonio de Almeida Prado, professor catedrático da Faculdade de Medicina, empossado em meados de agosto. Os setores de administração e humanidades, bem como as subseções de Ciências Naturais e de Química, as quais só puderam iniciar seus cursos em 1935, ficaram no grande edifício da Faculdade de Medicina, inaugurado em 1931, na avenida Dr. Arnaldo, enquanto as subseções de Matemática e Física se alojaram em prédio da Escola Politécnica.^{12,13,16}

A Química ocupou um espaço cedido pelo Departamento de Farmacologia, na ala direita do terceiro pavimento da escola médica.¹³ Heinrich Rheinboldt (1891-1955),^{17,22,23} professor de Química Inorgânica e Química Analítica da Universidade de Bonn, chegou ao Brasil em julho de 1934, incumbido de implantar a subseção de Ciências Químicas. No restante do ano, empenhou-se em adaptar e equipar as instalações, com o auxílio de Herbert Stettiner, químico alemão residente em São Paulo, contratado como assistente técnico, e Elly Bauer, encarregada inicialmente das tarefas secretarias.^{13,22} Heinrich Hauptmann (1905-1960),^{17,22} que na ocasião se encontrava na Universidade de Genebra para onde migrara ao deixar a Universidade de Göttingen, juntou-se a ele em fevereiro de 1935, como assistente científico. Em meados de março desse ano começaram as aulas do curso de Química.^{13,24}

A convivência pacífica nos espaços compartilhados durou pouco. Em 1937, a escassez de espaço se tornou crítica, pois as três turmas de alunos de Química, ingressantes em 1935, 1936 e 1937, dispunham de um único laboratório, de 9x5 m², para as aulas práticas. Os professores conseguiram uma verba de 250 contos de réis para uma ampliação e as obras se iniciaram em junho, mas foram interrompidas por estudantes de Medicina que depredaram os andaimes, episódio que ficou conhecido como a “derrubada da torre da filosofia”. Os dois diretores, Almeida Prado, da FFCL e João de Aguiar Pupo, da Faculdade de Medicina, pediram exoneração e a permanência da FFCL no prédio se tornou inviável.^{13,17,25}

Ernesto de Souza Campos (1882-1970), engenheiro e médico, catedrático da Faculdade de Medicina, assumiu a direção da FFCL em 24 de junho de 1937, a convite do Secretário da Educação, Cantídio de Moura Campos, com a incumbência de conseguir nova sede.¹⁶ Com experiência administrativa (participara, entre outras, da comissão de construção do prédio da Faculdade de Medicina) e

prestígio junto às classes governantes, conseguiu cumprir sua difícil missão em apenas um ano.¹⁸

Conforme acordo estabelecido, continuaram na escola médica em caráter provisório os setores que dependiam de laboratório, a saber, Química, Mineralogia, Zoologia, Botânica e Biologia Geral. A Administração e as seções e subseções da área de Humanidades, de mais fácil adaptação, deveriam sair. Sem dispor de verba para pagar aluguel, Souza Campos conseguiu com o prefeito Fábio da Silva Prado o empréstimo, pelo prazo de seis meses, de um velho casarão situado na rua da Consolação, nº 16, local onde se encontra atualmente a Biblioteca Mario de Andrade.²⁶ Os móveis vieram do almoxarifado da Secretaria da Educação e as aulas puderam se iniciar em 17 de julho de 1937, de conformidade com o Regulamento.^{16,18}

Para a instalação da futura sede da Faculdade, o diretor examinou a possibilidade de aproveitar um prédio do Estado, como o Palácio das Indústrias ou adquirir uma propriedade particular. Decidindo-se pela segunda alternativa, apresentou três opções²⁷ ao governador do estado, o interventor federal José Joaquim Cardoso de Melo Neto, que escolheu o palacete na Alameda Glette, nº 463, antiga residência de Jorge Street, então pertencente à Cia. de Seguros Sul América. Para tal escolha influiu a sua localização, junto ao Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo estadual.²⁸ A propriedade, adquirida por 850 contos de réis, compreendia um suntuoso edifício central de três pavimentos, três pavilhões anexos, com dois pavimentos cada e ainda uma grande área livre apta a receber construções. Reformas, adaptações e compra de mobiliário foram feitas com urgência. Dentro do prazo marcado, 31 de dezembro de 1937, a mansão emprestada pela prefeitura foi devolvida. O prédio principal na Glette, de construção excepcional, recebeu nas férias de dezembro a sede da administração, a biblioteca, as seções de Filosofia e de Letras e as subseções de Ciências Sociais e Políticas e de Geografia e História. Nos fundos do terreno, os dois pavilhões anexos, unidos por um novo corpo central, construído sobre a antiga piscina coberta, abrigaram uma grande sala de aulas, o Grêmio dos alunos da FFCL e a cadeira de Geologia e Paleontologia.¹⁸

Em 22 de junho de 1938, Ernesto de Souza Campos deixou a direção da FFCL, sendo substituído por Alexandre Correa. Faltava ainda alugar os setores com laboratórios que ficaram na Faculdade de Medicina, mas o prédio especial para o curso de Química já estava em construção na Alameda Glette desde janeiro.^{16,18} A situação se resolveu no segundo semestre de 1938, quando a administração e as cadeiras humanísticas foram transferidas para o último andar (o terceiro pavimento, recém-construído) da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República,²⁹ deixando o palacete disponível para as cadeiras da subseção de Ciências Naturais. A cadeira de Mineralogia e Petrografia, com o seu mestre fundador Ettore Onorato, se instalou no andar térreo. O primeiro andar alojou a cadeira de Zoologia, sob o comando de Ernest Marcus, da qual se ramificou em 1939 a de Fisiologia Geral e Animal, a cargo de Paulo Sawaya. A cadeira de Biologia Geral, regida por André Dreyfus, foi instalada no sótão. O pavilhão anexo, onde já se encontrava a cadeira de Geologia e Paleontologia, dirigida por Ottorino De Fiori di Cropani, recebeu também a de Botânica, cujo catedrático era Felix Rawitscher.³⁰⁻³² Até o fim do ano, ficou pronto o prédio do curso de Química, que para lá se mudou em janeiro de 1939.^{13,30}

Paralelamente a esses acontecimentos, o ensino superior também passava por mudanças, sob a ditadura do Estado Novo, instalada em 1937. A lei federal de 05/07/1937 que organizou a Universidade do Brasil (UB), no Rio de Janeiro, a tornou instituição padrão no país. Dentro da UB, foi instalada em 1939 a Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi/UB), inspirada no Estatuto de 1931, que passou a ser modelo obrigatório para todas as congêneres, reforçando o objetivo de preparação do magistério secundário.^{3,4,20} O sistema didático, que já era centralizado, tornou-se ainda mais rígido.^{7,13}

Em São Paulo, o Instituto de Educação da USP foi extinto em junho de 1938 e seus docentes incorporados a uma recém-criada quarta seção da FFCL, a seção de Educação, cujo nome mudou logo depois para seção de Pedagogia.^{3,7,20} A FFCL passou a ser uma escola de caráter profissional. A Faculdade enfrentava dificuldades também dentro da própria instituição, pois algumas escolas profissionalizantes não aceitavam que as disciplinas básicas ficassem a seu encargo, como era o objetivo inicial, visando aumentar o espírito universitário e evitar a duplicação de recursos.^{3,7,20} Na verdade, nem a própria FFCL chegaria a integrar-se internamente: as suas seções, separadas em diversos edifícios, mantinham pouco contato entre si.²⁰

Na Glette, continuavam alojadas as subseções de Química e de Ciências Naturais, que por essa época teve o nome alterado para História Natural.¹³ Com o passar dos anos, os espaços iam se tornando insuficientes. Em 1944-1945, o prédio da Química foi ampliado, com uma nova ala.^{13,30} Em 1947, foi escavado o porão do palacete para ampliação da Biologia, abrigando inicialmente o laboratório dos professores Crodowaldo Pavan e Antonio Brito da Cunha, que recebeu a partir de 1948 como professores visitantes o geneticista Theodosius Dobzhansky e sua esposa Natasha e Hans Burla. Em 1961 o porão passou a alojar também o laboratório de Psicologia Experimental, do curso de Psicologia, criado na FFCL em 1957 por proposta de Annita Cabral.³¹⁻³³

Em fevereiro de 1957, foi criado o curso de Geologia da USP, a partir de algumas cadeiras do curso de História Natural.³¹ Nesse mesmo ano, a Fazenda do Estado doou o imóvel à Universidade.³³ O local alojou os Departamentos de História Natural, Química e Geologia e a cadeira de Psicologia Experimental do curso de Psicologia da FFCL-USP durante períodos importantes de sua consolidação e desenvolvimento, estendendo-se até a mudança para a Cidade Universitária, que ocorreu gradualmente entre 1955 e 1969.

O PALACETE STREET NOS CAMPOS ELÍSEOS

Em 1860, iniciava-se a construção, pelos ingleses, da estrada de ferro de Santos a Jundiaí, para dar escoamento ao café cultivado no “Oeste” paulista.³⁴ O trecho ligando Santos a São Paulo foi inaugurado em 1866,³⁵ trazendo o desenvolvimento para a região ao redor da Estação da Luz, um local que era ocupado por chácaras isoladas.

O rápido crescimento populacional levou os alemães Victor Nothmann e Frederico Glette a comprarem a Chácara do Campo Redondo³⁶ em 1879 e abrirem alamedas e ruas, no bairro a que deram o nome de Campos Elíseos, o primeiro de caráter aristocrático da cidade de São Paulo. O palacete na esquina da Alameda Glette com a rua dos Guaianazes foi construído em fins do século XIX, como atesta o estilo da construção, recuada e fora do alinhamento da rua, inovação arquitetônica da época.³⁷

Em 1916, o proprietário do palacete, Firmiano de Moraes Pinto (1861-1938), que seria prefeito de São Paulo de 1920 a 1926, o vendeu para Jorge Street, médico e industrial carioca, por 250 contos de réis.³¹⁻³³

Jorge Luis Gustavo Street (1863-1939)³⁸ nasceu na cidade do Rio de Janeiro, filho de pai austríaco e mãe brasileira. Formou-se na Escola de Medicina do Rio de Janeiro em 1886 e fez cursos de aperfeiçoamento em Paris, Berlim e Viena. Casou-se com Zélia Frias em 1897. Ingressou no ramo empresarial em 1894 ao receber do pai ações de uma fábrica de sacaria de juta. Com a demanda de sacaria para o café, expandiu os seus negócios para São Paulo em 1904. Construiu no Belenzinho a fábrica da Cia. Nacional de Tecidos de Juta e a vila operária Maria Zélia, inaugurada em 1917. Maria Zélia era o nome da filha mais velha, falecida em 1915. Abalado com a perda da filha, o casal decidiu se mudar para São Paulo, com os outros filhos. O palacete da Alameda Glette serviu de residência para a família por mais de uma década. Após

profunda reforma, que durou quase dois anos e foi projetada em fins de 1920 pelo arquiteto Hippolyto Gustavo Pujol Filho, o seu aspecto foi totalmente modificado, ganhando em luxo e refinamento (Figura 1). A família Street, porém, aproveitou pouco o palacete reformado. Em 1929, ano da grande crise mundial, o palacete, hipotecado, passou a pertencer à Companhia de Seguros Sul América.³¹⁻³³



Figura 1. Fachada frontal (face norte) do Palacete Street, após a reforma. Alameda Glette, 463, São Paulo, SP, 1926/1927 (Foto: acervo da família Street, imagem digitalizada por Carlos Ribeiro Vilela, a partir de fotocópia do positivo original)

Retirando-se do ramo empresarial, Jorge Street continuou exercendo cargos de direção em órgãos patronais e governamentais, onde se destacou na elaboração de leis trabalhistas e na regulamentação da sindicalização. Afastou-se em 1936 por motivos de saúde. Faleceu em São Paulo, aos 75 anos, em 23 de fevereiro de 1939.^{31,38}

O CURSO DE QUÍMICA NA ALAMEDA GLETTE

No início de janeiro de 1939, a subseção de Ciências Químicas deixou as dependências provisórias na Faculdade de Medicina e se instalou no prédio construído especialmente para ela, no terreno do palacete onde residiu Jorge Street. A construção utilizou o restante da verba de 250 contos de réis destinada às obras de ampliação do local provisório, obras que, ao serem interrompidas, haviam consumido cerca de 40 contos de réis. O prédio, de três pavimentos, com área total aproximada 400 m², se localizava na parte do terreno, junto à Alameda Glette, ao lado do local onde havia originalmente a quadra de tênis e a piscina coberta.^{13,18,31}

Quando a Química se instalou na Glette, o curso, a cargo dos professores Rheinboldt e Hauptmann (Figura 2), era formalmente estruturado em duas cadeiras. A 1ª Cadeira englobava Química Geral e Inorgânica, Química Analítica, Química Orgânica e Química Superior e a 2ª Cadeira, Físico-química e Bioquímica. Estavam também sob sua responsabilidade as aulas de Química para os alunos da subseção de Ciências Naturais. Três dos quatro alunos que concluíram o curso na primeira turma, em 1937, eram então assistentes e doutorandos – Jandyra França, Simão Mathias e Paschoal Senise. A pequena equipe se completava com os assistentes técnicos Herbert Stettiner e Elly Bauer. Mais tarde, Francisco Antonio Berti, formado em 1939, foi admitido como assistente extranumerário.³⁰

Poucos anos depois, em 1942, Alberto Carvalho da Silva,⁴¹ médico, assistente da cadeira de Fisiologia da Faculdade de Medicina, interessado em ser aluno especial na escola, procurou o Prof. Rheinboldt na Glette e ficou surpreso com a simplicidade das instalações: “O Departamento era pequeno, mesmo para os padrões da época. Os outros docentes, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Paschoal Senise e Jandyra França, nem sequer tinham escritório próprio.”

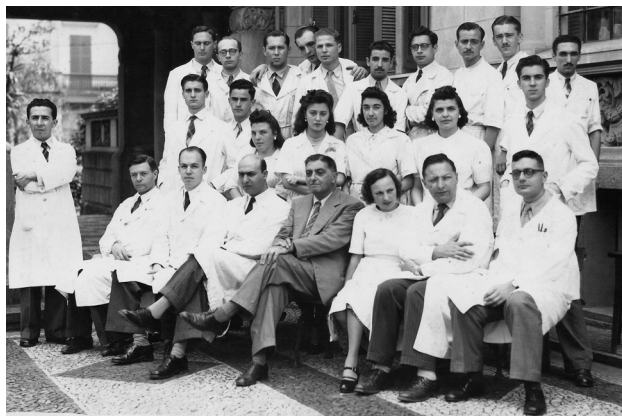


Figura 2. Na foto, tirada em 1941, junto à entrada principal na face oeste do palacete Street, aparecem em pé alunos do curso de Química e sentados os seus Profs. e assistentes (da esquerda para a direita): Herbert Stettiner (assistente técnico), Paschoal Senise (assistente), Simão Mathias (assistente), Prof. Heinrich Rheinboldt, Elly Bauer (assistente técnica), Prof. Heinrich Hauptmann e Francisco Berti (assistente). Dois dos alunos na última fila tornaram-se professores e desenvolveram toda sua carreira na instituição, Giuseppe Cilento³⁹ e Ernesto Giesbrecht.⁴⁰ (A foto é cortesia de Sara Gitla Frydmann de Carvalho Mange, a aluna que está atrás do Prof. Rheinboldt, e sua neta Roberta Mange que digitalizou a imagem)

Em depoimento⁴² dado nas comemorações dos 60 anos da USP, Ernesto Giesbrecht, químico formado em 1943, reforça a descrição: “... o prédio da alameda Glette era acanhado e não tinha sequer o tamanho de um dos doze blocos que compõem o atual Instituto de Química da USP e os recursos financeiros eram muito precários.”

Apesar disso, a mudança para a Glette iniciou uma etapa de desenvolvimento ao criar novas condições para o ensino e a pesquisa, no prédio dispondo de um bom anfiteatro, com cerca de 60 assentos, três laboratórios didáticos para 25 alunos cada, nos dois primeiros pavimentos, uma biblioteca e dois laboratórios de pesquisa no último andar.^{13,17,24,30,31}

Em 1942, uma reformulação, conforme o padrão federal, mudou a denominação de *Subsecção* para *Departamento* e também a sua estrutura, que passou a abranger três cadeiras: a primeira, de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica, regida pelo professor Rheinboldt, a segunda, de Química Orgânica e Química Biológica, subordinada ao professor Hauptmann e a terceira, de Físico-Química e Química Superior. O primeiro curso de Físico-Química (1942) foi dado por Giorgio Renato Levi, catedrático da Universidade de Pavia, que estava no Brasil contratado pelas Indústrias Reunidas F. Matarazzo e o segundo (1944) por Milton Estanislau do Amaral, da Faculdade de Medicina. Depois a disciplina passou a Simão Mathias, que retornava de estágio de dois anos no exterior.^{13,30,43} As aulas de Química Superior continuaram sob o encargo de Rheinboldt.^{13,30}

Em 1946, uma nova reforma alterou a duração do curso de três para quatro anos, ao fim dos quais, conforme as disciplinas cursadas, os alunos recebiam o diploma de Licenciado ou de Bacharel.^{13,30} Até então, todos se graduavam em Licenciatura.

Na Glette, a escola pôde contar, aos poucos, com novos assistentes e auxiliares de ensino. Foram contratados, a partir do ano representado entre parênteses, Ernesto Giesbrecht (1944), Madeleine Perrier (1945) e Marco Antonio Guglielmo Cecchini (1948), para a Cadeira de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica, Marcello de Moura Campos (1945), Lucy Lacerda Nazario (1945) e Blanka Wladislaw (1948), para a de Química Orgânica e Biológica e Astrea Menucci Giesbrecht (1945), para a Cadeira de Físico-Química. Havia, porém, dificuldades para a ampliação do quadro docente e alguns contratos

foram feitos inicialmente na categoria de auxiliar técnico, como, entre outros, o de Hanna Augusta Rothschild que se desligou em 1948.³⁰

Em 5 de dezembro de 1955, falecia Rheinboldt, um duro golpe para a escola. Em maio de 1958, a Cadeira que regia foi desdobrada, ficando a de Química Analítica a cargo de Paschoal Senise e a de Química Geral e Inorgânica sob responsabilidade de Ernesto Giesbrecht, ao voltar de longo estágio no exterior.^{24,44}

O corpo docente também passou por mudanças. Alguns assistentes se desligaram: Jandyra, Marco Antonio, Marcello, Lucy, Astrea. No ano representado entre parênteses, foram contratados Luiz Roberto de Moraes Pitombo (1950), Giuseppe Cilento (1951), Eurico de Carvalho Filho (1952), Renato Giovanni Cecchini (1953), Geraldo Vicentini (1954), Lilia Rosaria Sant’Agostino (1957), Aurora Catharina Giora Albanese (1957) e Eduardo Fausto de Almeida Neves (1959). Atuaram também, por curtos períodos, Marina Rezende Fornasaro (1952) e Mario Renato Krausz (1956).⁴⁵

Em 21 de julho de 1960, a escola perdia o professor Hauptmann, que sucedeu Rheinboldt na direção da escola e foi o mentor e o articulador do projeto de construção do Conjunto das Químicas, na Cidade Universitária, onde se encontra atualmente instalado o Instituto de Química. Coube a Simão Mathias, que assumiu a direção do Departamento, dar prosseguimento a essa tarefa.^{13,24,43}

Por volta de 1960, após a mudança do Departamento de Biologia para a Cidade Universitária, transferiu-se a biblioteca, bem como a secretaria e o gabinete do diretor do Departamento de Química, para o último andar – o antigo sótão – do palacete Street.^{13,31} A respeito desse local, Sergio Massaro, químico formado em 1964, relembra⁴⁶ que o acesso se dava por “estreita e rangente escada ou então por um antiquado elevador que frequentemente empacava deixando os usuários presos num sombrio ambiente que diziam ser assombrado por fantasmas.” O palacete já era então lendário.

Antes de deixar a Glette, o departamento ainda recebeu o reforço de novos instrutores: Divo Leonardo Saniotto, em 1962, Klaus Zinner, Oswaldo Espírito Santo Godinho e Hans Viertler, em 1963, Osvaldo Antonio Serra em 1964 e Shirley Schreier, Fernando Galembeck e Francisco de Paula Camargo, em 1965.⁴⁷

No início de 1966,²⁴ os químicos se mudaram para o Conjunto das Químicas construído no *campus* da Cidade Universitária, no bairro do Butantã.

O DESTINO DO CAMPUS GLETTE DA USP

Com o passar dos anos e a ampliação dos departamentos, os 2.685 m² do terreno da Glette se tornaram insuficientes. Foram feitas sucessivas adaptações, que muito degradaram o local, a antiga residência de Jorge Street.

Em 1955, teve início a mudança das cadeiras do curso de História Natural para a Cidade Universitária e em 1969, os últimos a sair, os geólogos, deixaram o local. Nos seus 32 anos de existência, passaram pelo *campus* Glette da USP cerca de 300 formados em História Natural, 350 em Química, 426 em Geologia e 110 em Psicologia.^{31,32,46} O levantamento não inclui os que não completaram o curso e os alunos das Ciências Humanas, em sua curta estada de seis meses no palacete, no 1º semestre de 1938. São números aproximados, pois os registros oficiais sobre os *glettianos* já se perderam. A partir de janeiro de 1970, com a reforma universitária criando os Institutos, a própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que chegou a ser a maior e mais populosa unidade da USP,⁴⁸ deixou de existir. O Departamento de Química da FFCL-USP, com 35 anos desde a implantação, 27 dos quais transcorridos nas instalações na Glette, passou a integrar o Instituto de Química.⁴⁹

Em sessão do dia 27 de fevereiro de 1970, o Conselho Universitário aprovou a proposta de alienação do imóvel na Alameda Glette. Ele ainda

permaneceu alugado ao Terceiro Distrito Policial da Secretaria de Segurança Pública, de julho de 1969 até maio de 1972. Somente na quarta concorrência pública, em 1973, apareceu um comprador, a empresa Frical Administração de Serviços Ltda., pertencente a Octávio Frias de Oliveira⁵⁰ e Carlos Caldeira Filho. A escritura de compra e venda tem a data de 6 de maio de 1974.^{31,33} Sob os novos proprietários, o palacete e os anexos foram demolidos. Desde então, funciona no local um estacionamento de carros, onde se destaca uma figueira centenária, um exemplar da espécie *Ficus macrophylla* Pers., originária da Austrália.⁵¹ Ela foi incluída em parte da vegetação da cidade de São Paulo declarada patrimônio ambiental do Estado, por decretos de 1989 e 1994.^{13,31} O empenho de alguns glettianos levou também o Conpresp (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) a efetuar em 2007 o tombamento municipal da Figueira da Glette e de trechos remanescentes do muro da antiga residência da família Street, que podem ser apreciados na Figura 3.



Figura 3. A figueira centenária e trechos remanescentes do muro, tombados pelo Conpresp (Foto do acervo do Grupo Figueira da Glette)

À GUIA DE CONCLUSÃO

Três quartos de século depois da fundação da Universidade de São Paulo, quem entra no *campus* paulista da Cidade Universitária, pelo portão principal junto à rua Alvarenga, vê uma escultura em bronze, colocada no canteiro central da primeira rotatória, homenageando o seu fundador, Armando de Salles Oliveira. Um pouco mais adiante, na segunda rotatória, em frente à alça de acesso ao Centro Esportivo, há um busto em bronze de Ernesto de Souza Campos, o responsável pela instalação da FFCL na alameda Glette.

Jorge Street, que residiu no palacete da Glette e lhe deu a aparência que o celebrou, é nome de rua na cidade de São Paulo e há uma escola técnica, ETE Jorge Street em São Caetano do Sul, associada à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Octavio Frias de Oliveira, seu sobrinho-neto, que comprou da USP o palacete, é nome da nova ponte estaiada sobre o Rio Pinheiros. O montante da venda do imóvel foi empregado na construção do edifício principal do Instituto de Geociências na Cidade Universitária, em cujo jardim cresce uma muda da figueira, plantada em 2003 por iniciativa dos geólogos integrantes do Grupo Figueira da Glette.^{31,46}

A figueira-mãe e os remanescentes do muro da antiga residência Street foram tombados pelo município em resolução publicada no dia 26 de dezembro de 2007. O palacete, um marco da infância da USP, foi demolido na década de 1970. Sob o ponto de vista material, pouco restou daquele local, mas há o imaterial, o papel histórico inquestionável, a influência exercida sobre os que por lá passaram e a constatação de que, sob suas condições peculiares, floresceu um fenômeno impossível de renascer nos amplos espaços atuais, o *efeito Glette* ou o *espírito da Glette*, tão bem descrito pelo geólogo Ferreira Vaz⁵² e pelo químico Senise.¹³

AGRADECIMENTOS

Aos responsáveis pelo meu envolvimento em recuperação de memória, os glettianos Neuza Guerreiro de Carvalho, formada em História Natural, o geólogo Nelson Custódio da Silveira Filho, o psicólogo Cesar Ades e também Carlos Ribeiro Vilela, biólogo uspiano e Angélica Sabadini, bibliotecária.

Ao mestre Paschoal Ernesto Américo Senise, sempre disposto a recontar a história da escola, e aos Assessores, cujas sugestões tornaram este manuscrito mais abrangente.

REFERÊNCIAS

1. Barreto, A. L.; Filgueiras, C. A. L.; *Quim. Nova* **2007**, *30*, 1780.
2. Souza Campos, E.; *História da Universidade de São Paulo*, EDUSP: São Paulo, 1954, cap. III, p. 25-37.
3. Fávero, M. de L. A.; *A Universidade Brasileira em busca de sua identidade*, Editora Vozes: Petrópolis, 1977, p. 18-43; *Universidade & Poder*, Achiamé: Rio de Janeiro, 1980, p. 7-13, 31-84.
4. Mendonça, A. W. P. C.; *Revista Brasileira de Educação* **2000**, *14*, 131.
5. Antunha, H. C. G.; *Universidade de São Paulo. Fundação e Reforma*, MEC/INEP/CRPE: São Paulo, 1974, parte 2, cap. 1, p. 53-73.
6. Souza Campos, E.; ref. 2, p. 73-88.
7. Motoyama, S., org.; *USP 70 anos: Imagens de uma História Vivida*, EDUSP: São Paulo, 2006, p. 22-36, 123-128.
8. Cardoso, I. de A. R.; *A Universidade da Comunhão Paulista: O projeto de criação da Universidade de São Paulo*, Autores Associados/Cortez: São Paulo, 1982, p. 43-46.
9. Antunha, H. C. G.; ref. 5, parte 2, cap. 2, p. 74-94.
10. Cardoso, I. de A. R.; ref. 8, p. 111-113. A p. 96 reproduz a lista dos 26 signatários do manifesto de 1932.
11. A Universidade do Distrito Federal teve vigência efêmera e parte de seus professores e alunos foram transferidos em junho de 1939 para a Faculdade Nacional de Filosofia, que então se instalava na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. *Apud* refs. 3 e 4.
12. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: 1934-1935*; Empreza Gráfica da "Revista dos Tribunais": São Paulo, 1937, p. 214-217.
13. Senise, P.; *Origem do Instituto de Química da USP: Reminiscências e comentários*, Instituto de Química: São Paulo, 2006, p. 11-67. Disponível em <http://www2.iq.usp.br/fundamental/pdf/LivroIQUSP.pdf>, acessada em Fevereiro 2009.
14. Da primeira comissão oficial faziam parte Alcântara Machado, Lúcio Martins Rodrigues, Raul Briquet, Fernando de Azevedo e Júlio de Mesquita Filho. Os membros da comissão reorganizada pelo secretário Altenfelder Silva foram: Fernando de Azevedo (relator), Júlio de Mesquita Filho, Vicente Rao, Francisco E. da Fonseca Telles, Theodoro Augusto Ramos, Antonio Ferreira de Almeida Junior, Raul Briquet, Henrique de Rocha Lima, André Dreyfus e J. Agesilau Bittencourt. A. de Sampaio Doria colaborou na redação do projeto. *Apud* refs. 7 e 12.
15. Souza Campos, E.; ref. 2, p. 69-71, 100-111.
16. Souza Campos, E.; ref. 2, p. 416-438.
17. Mathias, S.; *Quim. Nova* **1984**, *7*, 191.
18. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: 1937-1938*, Universidade de São Paulo: São Paulo, 1938, p. 105-116, 186-206. A obra traz, em 22 estampas, além da planta do imóvel na Alameda Glette, fotografias internas e externas de setores da FFCL-USP, bem como o prédio da Química em fase final de construção, imagem que é capa da ref. 13.
19. Arbousse-Bastide, P.; *Ciência e Cultura* **1987**, *39*, 1009.
20. Antunha, H. C. G.; ref. 5, parte 2, cap. 3, p. 95-122.
21. Na França foram contratados Robert Garric para Língua e Literatura Francesa, Émile Coornaert para História da Civilização, Pierre Deffontaines para Geografia, Paul Arbousse-Bastide para Sociologia, Michel Berveiller para Língua e Literatura Greco-Latina e Etienne

- Borne para Filosofia e Psicologia; da Itália vieram Francesco Piccolo para Língua e Literatura Italiana, Luigi Fantappiè para Matemática, Ettore Onorato para Geologia e Mineralogia e Gleb Wataghin para Física; da Alemanha, Ernest Breslau para Zoologia, Heinrich Rheinboldt para Química e Felix Rawitscher para Botânica. Foram também contratados os professores brasileiros André Dreyfus para Biologia, Plínio Airosa para Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, Luis Cintra do Prado para a cadeira de Física na subseção de Ciências Naturais, sendo depois substituído por Antonio Soares Romeo. *Apud* refs. 7, 12 e 18. Este grupo inicial de treze estrangeiros e quatro brasileiros atuou no corpo docente da FFCL-USP por períodos muito variados e alguns se fixaram definitivamente. Outros professores notáveis vieram a seguir e ajudaram a fazer prosperar uma escola em moldes sem precedentes.
22. Senise, P.; ref. 13, p. 128-135.
 23. Giesbrecht, E.; *Quim. Nova* **1981**, *4*, 96; Mathias, S.; *Ciência e Cultura* **1980**, *32*, 1587.
 24. Neves, E. F. A.; *Quim. Nova* **1987**, *10*, 304.
 25. Lacaz, C. da S.; Mazzieri, B. R.; *A Faculdade de Medicina e a USP*, EDUSP: São Paulo, 1995, p. 115-116; Lacaz, C. da S.; *Faculdade de Medicina: Reminiscências, Tradição, Memória da Minha Escola*, 2ª ed., Atheneu: São Paulo, 1999, p. 100-101.
 26. Esse casarão, a antiga sede da Chácara Velha, que era cortada pelo Beco Comprido, futura av. São Luiz, e pertencia à família Souza Queiroz, ficou depois residência de Nicolau de Souza Queiroz. Quando este faleceu, em 1917, a propriedade passou para a sua neta, Maria do Carmo, casada com José Cássio de Macedo Soares. O casal nela morou até 1936, quando o prefeito Fábio da Silva Prado a comprou para demolição e construção da Biblioteca Municipal, a atual Biblioteca Mário de Andrade. Lefèvre, J. E. A.; *De Beco a Avenida: A História da Rua São Luiz*, EDUSP: São Paulo, 2006, p. 23-45, 281.
 27. Os três imóveis eram o palacete Street, um prédio na rua Santo Antônio, que depois alojou a Casa Roosevelt, da União Cultural Brasil-Estados Unidos e um outro na rua Pio XII, onde posteriormente se instalou o palácio cardinalício. *Apud* ref. 16.
 28. O palácio dos Campos Elíseos, sede do governo do Estado de São Paulo no período 1915-1965, foi residência do cafeicultor Elias Antonio Pacheco e Chaves, projetada pelo arquiteto alemão Matheus Heussler e finalizada em 1899. <http://www.aprenda450anos.com.br/>, acessada em Fevereiro 2009. Atualmente abriga a Secretaria de Ciências, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado.
 29. A diretoria e os setores da FFCL, que se alojaram no prédio da Praça da República, mudaram-se em 1949 para a rua Maria Antonia, ocupando um edifício deixado pela reitoria, que se tornaria um espaço mítico na história da Faculdade. Simão, A. Em *Maria Antonia: uma rua na contramão*; Santos, M. C. L., org.; Nobel: São Paulo, 1988, p. 11-18. O prédio da Praça, o Caetano de Campos, abriga atualmente a Secretaria Estadual de Educação e o da rua Maria Antonia nº 294, um centro cultural da USP. Ambos foram tombados pelo Condephaat.
 30. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras: 1939-1949*; Universidade de São Paulo: São Paulo, 1953, p. 625-643.
 31. Gomes, C. B. (org.); *Geologia USP 50 Anos*, EDUSP e Instituto de Geociências da USP: São Paulo, 2007, p. 11-49, 134. Neste livro, algumas imagens da ref. 18 são reproduzidas e comparadas com fotografias pertencentes ao acervo da família Street, tiradas nos anos 1926-1927.
 32. Vilela, C. R.; Guerreiro de Carvalho, N.; Sabadini, A. Z. P.; Ades, C.; Osorio, V. K. L.; *Resumos da 31ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química*, Águas de Lindóia, Brasil, 2008.
 33. Exposição *A Glette: um Momento na História da Psicologia da USP*, 21 de novembro de 2006, <http://www.ip.usp.br/memoriaip/>, acessada em Fevereiro 2009.
 34. Na verdade, o café vinha do norte do estado (Campinas, Ribeirão Preto), porém a denominação "Oeste" era em relação ao vale do Paraíba e Rio de Janeiro, centro da cafeicultura de então.
 35. Pires, M. J.; *Sobrados e Barões da Velha São Paulo*, Manole: São Paulo, 2006, p. 33-80.
 36. Campo Redondo era uma região de chácaras situada entre a Ponte Grande sobre o Rio Tietê (atual Ponte das Bandeiras) e os bairros atuais de Campos Elíseos, Luz, Bom Retiro e Santa Cecília. Em 1860, Robert Sharpe, da empreiteira inglesa encarregada da construção da estrada de ferro *San Paulo Railway*, ocupou uma dessas chácaras, que foi vendida para o barão de Mauá em 1865 e depois para os alemães Nothmann e Glette e aparece nos livros e documentos com os nomes de chácara do Campo Redondo, chácara Sharpe ou Charpe e chácara Mauá. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/hist_casarao_2.pdf, acessada em Fevereiro 2009.
 37. Pires, M. J.; ref. 35, p. 102. Há uma foto do palacete original na p. 134, que foi reproduzida na ref. 31, p. 15.
 38. Teixeira, P. P.; *A fábrica do sonho: trajetória do industrial Jorge Street*, Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1990, p. 1-2, 103-166; Marcovitch, J.; *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, EDUSP: São Paulo, 2003, vol. 1, p. 154-181.
 39. Bechara, E.; *Quim. Nova* **1995**, *18*, 123. O nº 4 da revista *Quim. Nova* **1993**, *16*, foi dedicado aos 70 anos de Giuseppe Cilento.
 40. Chagas, A. P.; Toma, H. E.; *Quim. Nova* **1991**, *14*, 149; Toma, H. E.; *Quim. Nova* **1996**, *19*, 578.
 41. Carvalho da Silva, A. Em *Centenário de Heinrich Rheinboldt: 1891-1991*; Senise, P., ed.; Instituto de Química da USP: São Paulo, 1993, p. 17.
 42. Giesbrecht, E.; *Estudos avançados* **1994**, *8*, 115.
 43. Marcolin, N.; *Pesquisa FAPESP* **2008**, *144*, 10.
 44. Noticiário da Associação de Ex-alunos de Química da USP, *Selecta Chimica* **1958**, *17*, 81.
 45. Informações colhidas nos Anuários da FFCL-USP dos anos de 1950 e 1952 e nos noticiários da Associação de Ex-alunos de Química da FFCL-USP, *Selecta Chimica* **1953**, *12*, 37; *ibid.* **1954**, *13*, 119; *ibid.* **1956**, *15*, 115; *ibid.* **1957**, *16*, 151; *ibid.* **1959**, *18*, 71.
 46. Memórias compiladas pelo Grupo Figueira da Glete. <http://www.figueiradagleite.com.br/>, acessada em Fevereiro 2009.
 47. Noticiário da Associação de Ex-alunos de Química da USP, *Selecta Chimica* **1962**, *21*, 125, *ibid.* **1964-1965**, *23-24*, 57.
 48. Antunha, H. C. G.; ref. 5, p. 160-162; Motoyama, S.; ref. 7, p. 128.
 49. O Instituto de Química da USP, criado em decorrência da Reforma Universitária implantada em 1 de janeiro de 1970, reuniu departamentos e cadeiras de Química e Bioquímica, pertencentes às Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Farmácia e Bioquímica, Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e Escola Politécnica. Colli, W.; *Quim. Nova* **1995**, *18*, 584.
 50. Octavio Frias de Oliveira, o oitavo filho de Elvira Frias e Luiz Torres de Oliveira, nasceu em 1912. Elvira era sobrinha de Zélia Frias Street, esposa de Jorge Street. Luiz Torres de Oliveira foi administrador da Vila Maria Zélia e a sua família frequentava o palacete. Na obra biográfica Paschoal, E.; *A trajetória de Octavio Frias de Oliveira*, Mega Brasil: São Paulo, 2006, p. 141-142, Octávio narra que o imóvel foi comprado com a intenção de ser trocado com o terreno onde funcionava o Corpo de Bombeiros, vizinho à antiga Estação Rodoviária, então propriedade da Frical, que desejava ampliar a estação, mas o governo municipal não concordou com a proposta.
 51. A figueira produz frutos estéreis porque o seu polinizador natural, uma minúscula vespa, inexistente no Brasil, porém os glettianos cuidaram de sua preservação. No *campus* Armando de Salles Oliveira da USP existem três mudas da árvore: uma delas, obtida por estaca, encontra-se no Instituto de Geociências desde 30 de maio de 2003 e as outras duas, conseguidas como alporques, foram plantadas pelos Institutos de Psicologia e de Biociências, respectivamente em 21 e 24 de novembro de 2006. *Apud* refs. 31, 33 e 46.
 52. Vaz, L. F.; *Revista Brasil Mineral* **1996**, *143*, 30. *Apud* ref. 31, p. 129, 146 e ref. 46.